

Mãos vazias: uma sondagem existencial

Jaciara Gomes^{*}
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Neste trabalho, pretende-se analisar a novela "Mãos vazias", obra de Lúcio Cardoso, escritor mineiro que trabalha o aspecto psicológico a partir de uma linha introspectiva. O centro de sua ficção é a personagem que se debate num mundo irreal, trágico. Suas obras têm um destaque na ficção brasileira contemporânea sobretudo pela perspicácia com que verifica os fenômenos da existência humana. A novela "Mãos vazias" foi lançada em 1938 e revela traços próprios do autor, como: a influência de Dostoiévski e Julien Green, a estética expressionista e a verificação profunda do aspecto existencial das personagens.

O objetivo deste trabalho não é a análise estrutural de elementos como foco narrativo, espaço e personagens e, sim, uma abordagem de caráter filosófico e, mesmo, não literário, na imanência do texto. Pretende-se com a análise suscitar questionamentos acerca da sondagem existencial realizada pelo autor. Deseja-se, ainda, fazer uma abordagem simbólica de alguns elementos ou características muito recorrentes na novela.

Lúcio Cardoso utiliza uma linguagem que transgride o espaço em branco e produz uma atmosfera bastante expressiva da sondagem existencial que ele realiza. Aspecto percebido, facilmente, quando se penetra no mundo novo que ele cria. Esse, como observou Carlos Drummond (apud Cardoso, 1970:xiv), revela *"o admirável mergulho de Cardoso no conhecimento para transfigurar o caos. Chamando-nos a participar de suas visões, contagiando-nos desse perturbador e sutil poder de descobrir, fixar e nomear as coisas transcendentais, seja pela palavra, seja pela forma ou pela cor."* Trata-se de uma prosa envolvente que toma conta do leitor de forma ansiosa, sedenta de conhecer o destino das personagens. Muito embora esse "destino" já seja conhecido, ou melhor, esperado pelo leitor que pensa tratar-se, na verdade, de uma tragédia. O texto de Lúcio Cardoso mescla os três estilos: lírico, dramático e narrativo.

A novela desperta atenção, primeiramente, pelo título "Mãos Vazias" que se pode relacionar, a princípio, "sem compromisso", com vida - Vidas Vazias. Se se toma o termo *mão* símbolo da criação, pois segundo o evangelho Deus criou a terra (vida) com as mãos, tem-se uma leitura procedente. Depois, com o desenvolver da história constata-se que a relação é possível, também, a partir da observação da vida da protagonista que se encontra vazia, perdida. A palavra *mão* é bastante recorrente em todo o texto, representando elementos ambivalentes: benção/traição, carinho/agressão e poder. Além disso, simbolizando o logos, a palavra não dita num ambiente onde reina o silêncio. São poucos os diálogos, a narrativa é mais interior: *"Avançando, passou as mãos pelas prateleiras e, bruscamente, a sensação comprimida de todas aquelas noites*

^{*} Trabalho desenvolvido na disciplina Literatura Brasileira 3, ministrada pela professora Renata Pimentel no 1º semestre de 2001, do curso de Letras, da UFPE.

passadas em claro subiu-lhe de um jato e, apoiando-se na borda da pia, fechou os olhos, surda a outros ruídos que não fosse o correr precipitado do próprio sangue.” (p.201)

Nesse sentido, podem-se recordar outros textos em que a palavra *mão* figura de forma peculiar: *“A mão que afaga é a mesma que apedreja.”* (Augusto dos Anjos) e *“E, se a tua mão te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, pois é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.”* (Mateus, 5:30). Vale salientar que o segundo trecho, trata-se de uma recomendação bíblica a respeito do adultério: *“...Assim, como o homem estende-se a mão na penumbra, segurou-a bruscamente entre as suas. Leves estremecimentos sacudiram-na –depois, a do médico tentou fugir com um leve arranco.”* (p.212)

Termo de semelhante valor expressivo, *olhos* aparece constantemente no texto. A expressão *olhos*, porém, pode ser entendida como: “espelho da alma, luz do corpo”. Os olhos dão a Ida, protagonista, a visão da sua realidade e revelam o que a incomoda. Seria o outro, Felipe, seu marido? Ou o outro apenas refletido em Felipe, o seu próprio outro?: *“...A indolência se apossava dos seus membros e, abandonando o seu bastidor inútil, cerrava os olhos, sentindo passar no rosto a sombra macia das folhas. Agora era diferente; se quisesse sair teria de afrontar primeiro o olhar inquisidor de Felipe. (...) Não podia imaginar por que a no fundo aquela bonde cobria-a de humilhação.”* (p.216)

O narrador é onisciente e assume uma atitude interpretativa. Sabe tudo sobre as personagens e relata os fatos, algumas vezes, com comentários. Embora o autor onisciente penetre também na mente de outros personagens, limita-se mais precisamente à mente da protagonista, Ida. Segundo William York Tindall (apud Carvalho, 1981:7), trata-se do método “subjeto-objetivo” que se apresenta tanto objetivamente, sem a interferência do narrador, quanto subjetivamente, nas impressões da protagonista. Aspecto característico da estética expressionista assumida pelo autor. Em alguns momentos, os pensamentos da personagem principal são tão intensos que a narrativa se assemelha a um monólogo interior:

“Somente nesse momento ela conseguia assimilar totalmente o desaparecimento do filho. Levantou-se de novo e sentiu que uma grande fadiga se apossava do seu corpo. Os seus movimentos se tornaram mais pesados e, encaminhando-se para o fundo, deixou escapar um suspiro cheio de resignação. ‘Final, é preciso que Felipe se resolva a tomar uma empregada’, tornou a pensar. Essas idéias soltas eram, entretanto, como os últimos fragmentos de uma existência para sempre esfacelada. Ida cumpria os gestos, repetia as frases habituais mais sem estar presente.” (p.217)

A estética expressionista é percebida quando o narrador ressalta os sentimentos humanos. Há, então, um predomínio dos valores emocionais. A onisciência é seletiva. O narrador limita-se aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem central. O autor faz uma “pesquisa” do aspecto psicológico da personagem. Essas características são as mais representativas do expressionismo, a “arte do instinto”.

Nos dois primeiros capítulos da novela, ocorrem os fatos que desencadeiam toda a trama: a morte de Luisinho, filho de Ida e a traição que ela consumou com o

médico de seu filho. A morte do filho pôs fim a acomodação de Ida em sua vida de mulher casada, mãe de família. A maternidade havia sido o único instante de "satisfação" daquela mulher. A partir da perda do filho, qual a razão do seu casamento? "...Quando Luisinho nascera, os primeiros botões se convertiam em flores. Naquele momento, somente naquele momento poderia ela dizer que alcançara uma certa plenitude."(p.228).

Já o envolvimento com o médico, foi para Ida como um grito de liberdade e não como mera traição. Trair foi a atitude para que aquele espírito perturbado se atirasse na busca da compreensão: "...Ela queria mostrar que não tinha usado o médico como as mulheres o fazem para não perder a ocasião oportuna. Seria muito simples e idiota. O seu caso era diferente, não sabia explicar, mais sentia que ali eram outros os motivos que a guiavam."(p232,233)

A partir de então, a narrativa é o desenrolar das conseqüências desses fatos na vida das personagens. Nesta análise, apresentam-se apenas quatro personagens da novela. Ana, a única amiga de Ida, era a figura da mulher que se realizou ou se contentou com o casamento: "- Ana, é possível que você viva conformada com a sua existência? (...) - Tenho marido. De que mais preciso?"(p.221).

Felipe, o marido de Ida, era um ser passivo, doméstico, mas que havia sido omissos em relação aos cuidados com o filho doente. Era um homem que negava a realidade, não compreendia os fatos que perturbavam sua mulher. Isso aos olhos dela era também incompreensível: "...Era ridículo vê-lo com o avental passado na cintura, lidando com objetos que destoavam estranhamente nas suas mãos.(...). Queria-o mais ríspido, imaginava proezas que o pobre Felipe nunca chegaria a realizar."(p.216). Pode-se pensar que se tratava de um homem "desejado" nos dias atuais. Porém, seria ele desejado por que tipo de mulher?

A protagonista Ida é uma mulher atormentada por um turbilhão de desejos que nem ela mesma sabe explicar. É um ser diferente, estranho numa cidade pequena, medíocre, em que se cultivam as intromissões na vida alheia. Os habitantes parecem conhecer o destino de Ida: "...Quando Felipe a pedira, tinham tentado dissuadi-lo, não era mulher para ele. Por quê? Nada sabiam a seu respeito, nunca tinham podido apontar o menor deslize na sua vida, mas era voz geral, e essas vozes permanecem no fundo das consciências e se fortificam o tempo."(p.203). Por que vivia tão perturbada? Por que o outro a incomodava tanto? Era o outro que a atormentava, ou mesmo sua própria figura era inaceitável, incompreensível?

"...É que estava a frente de um homem que era a sua própria imagem na vida cotidiana."(p.287) Ida era uma dona de casa, reificada pelos afazeres domésticos dos quais queria se ver livre. O que se guardava no fundo de sua consciência? Por receber esse nome, estaria ela, marcada, desde o batismo, quando se recebe o espírito, para ser uma "fugitiva", para partir? "...Certas pessoas precedem a fama, como o ruído antes da enchente que passa."(p.203). Ida viu na morte a "solução" para seu problema: "...E isso era tudo o que desejava- compreensão de si por si mesma e pelos outros."(p.268)

Outro possível prenúncio do destino de Ida poderia ser uma existência também complicada que ouve em sua família. Seu caso, então, tratava-se de uma repetição? A

sua prima que viveu de maneira curiosa teve um fim, igualmente, trágico. Maria virou mito na pequena cidade onde morava, tinha nome sagrado – mãe. E teve uma existência que oscilou entre o “sagrado” - a beatice, e o profano, era dada a amores. Sofria, como Ida, de uma solidão profunda que resolvia escrevendo cartas, uma forma de se eternizar. Era incompreendida por sua família e pela sociedade em geral, morreu envenenada por uma substância anti-séptica. Haveria ela decidido purificar o corpo, o espírito, salvando, assim, sua existência?

“...Dois dias depois foram encontrá-la morta junto a um vidro de lisol. Ida compreendera então que duas são as espécies de faces que transitam pelo mundo: as que refletem a serenidade adquirida e as agitadas, como as de Maria, capazes de todas as loucuras.”(p.273)

A narrativa se torna cíclica tanto na presença repetitiva da morte como na forma de morrer. Na novela, Ida buscou a morte afogando-se num rio. Esta maneira, segundo Freud (apud Lurker,1997:455), representa a compulsão humana pela repetição. Para a psicanálise, as perturbações de instinto buscam em símbolos transparentes a regressão profunda ao estado pré- natal. A água é vista como elemento transcendente e suas características (cor, odor,...) podem representar o estado de espírito do ser: *“Começou a penetrar lentamente, sentindo as raízes e os detritos chocarem-se nas suas pernas. A luz da lua varava o pântano, estendia-se até o centro do rio, como o reflexo morto de um incêndio. Então, docemente, Ida deixou-se resvalar, perdeu-se para sempre nas profundezas da noite.”(p.308)*

A confusão interior da protagonista é sentida pelo leitor através da atmosfera “sombria e tensa” que o escritor cria ao selecionar cuidadosamente expressões como: (in-)consciente, vazio, vácuo, espectro, solidão, silêncio, angústia, penumbra, sombra. Essas palavras intensificam o sentimento de Ida, o drama vivido por ela é elevado ao grau máximo.

“...eram vozes que vinham das bocas de espectros que a rodeavam.”(p.245); “- Só agora eu sinto como é terrível a sua solidão.”(p.271) e “... E, mesmo, ela já não podia tolerar aquela vida de sombra, vigiando continuamente as travessuras do pequeno. A revolta começara a alimentar o fel no fundo do seu espírito. Tornara-se amarga, a existência parecia-lhe desprovida de qualquer sentido.”(p.228)

Lúcio Cardoso apresenta os ambientes, geralmente, na escuridão. A luz surge apenas em “flashes”, através de pequenas frestas. Pode-se pensar que essa vaga luz seja uma possibilidade das personagens salvarem o espírito, ou como preferem os críticos, represente um aspecto cinematográfico característico na vida e na obra do autor: *“... Sobre a sua cabeça as mariposas vojavam em círculo e os últimos clarões vermelhos acabavam de agonizar no céu escuro.”(p.272)*

Percebe-se que o escritor verifica com sensibilidade como os sentimentos e as atitudes humanas se concretizam de forma distinta, de acordo com o momento e/ou com a personalidade em que se dá o fato. Os trechos expostos a seguir revelam a observação perspicaz do autor em relação à existência no conjunto da sociedade. Ao expor suas impressões, Cardoso mostra a estética expressionista, característica de suas obras, ele salienta o tédio, a sombra e investiga os dramas humanos no seu íntimo:

“... Há momentos na vida, entretanto, em que a pujança dos acontecimentos torna impotente todo esforço para dominá-lo; nada são senão correntezas poderosas que se agitam na penumbra do ser e o arrastam com o ímpeto das forças implacáveis da natureza.” (p.231,232), “... Felipe esquecia-se de que os acontecimentos se dão exatamente à margem da nossa expectativa.” (p.234), “... Sabia que em certos momentos é possível fazer brotar uma centelha mesmo nas almas menos elevadas.” (p.263) e “É que em certas pessoas o amor se reveste dos mesmos aspectos que a crueldade.” (p.208)

Observa-se, portanto, que na novela o centro é mesmo a protagonista. Esta sofre de uma extrema solidão, uma grande falta de si mesma e do outro. Toda sua angústia se resume na necessidade de se compreender e ser compreendida. Nesse sentido, a morte aparece como um mergulho na busca da sonhada compreensão, como um despertar para questionamentos acerca da existência. Nesse sentido, relembramos Heidegger para quem o homem é “um ser para a morte” e sofre de uma angústia onipresente que o religa à sua existência.

Cardoso dizia que “a linguagem dos mortos transmite um recado que é uma advertência e uma condenação do que vivemos.” (Cult, 1998:49). O suicídio pode ser visto também como uma constatação à passividade, ao conformismo e à falsa satisfação que o homem (Ida, na trama) é obrigado a ter diante das convenções sociais, uma vez que viver é um grande conflito, como afirma Paz (1984:175) “... Viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho.”

Com essa breve análise, espera-se ter contribuído com algumas reflexões acerca da novela “Mãos vazias” de Lúcio Cardoso. Pode-se observar que o autor de fato centra a narrativa na personagem e sonda sua existência de forma muito peculiar, com muita sabedoria. Ele expõe a eterna incompletude humana, o constante conflito do real e do ideal. Utiliza uma linguagem envolvente que entusiasma o leitor. Este é levado a refletir sobre a vida, “... ruptura estranha que se transforma em sentimento de solidão” (Paz, 1984:175). E, é “convidado” a compartilhar das vivências das personagens. Procura-se com esta análise crítica ressaltar o caráter filosófico da obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Teresa de (1998). A metrópole expressionista. *CULT* 2(14):54-59.
- BOSI, Alfredo (1977). *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix.
- CARDOSO, Lúcio (1970). *Diário Completo*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____ (2000). *O desconhecido e mãos vazias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- CARDOSO, Rafael (1998). Uma harmonia difícil: Lúcio Cardoso e o cinema. *CULT* 2(14):60-63.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de (1981). *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária*. São Paulo, Pioneira.
- HEIDEGGER, Martin (1991). *Ser y tiempo*. 7ªed. Trad. de J. Gaos. Buenos Aires, F. Cultura Económica.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes (1987). *O foco narrativo*. São Paulo, Ática.

- LUFT, Celso Pedro (1979). *Dicionário de literatura brasileira e portuguesa*. Rio de Janeiro, Globo.
- LURKER, Manfred (1997). *Dicionário de simbologia*. São Paulo, Martins Pena.
- MACHADO, Roberto (2000). *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- MARTINS, Gilberto Figueredo (1998). Recordações da casa dos mortos. *CULT* 2(14):48-53.
- PAZ, Octavio (1984). *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (1990). *Flores da escrivainha*. São Paulo, Cia das Letras.